A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.ª Anna

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre	600 >
Brazil, semestre	700 >
Avulso	20 >

Propriedade da Empresa do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão—IMPRESA CIVILIZAÇÃO

de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219—PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis

Permanentes e reclama a preços convencionaes.

Communiados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento

14 DE JULHO

A tomada da Bastilha

Versailles, senhora d'um governo organizado, d'um rei, de ministros, com um jeneral, um exercito, não era mais do que hesitação, duvida, insegurança; anarquia moral e a mais completa.

Paris insurreccionado, deixado ao abandono por toda a autoridade legal, cheio d'uma aparente desordem atinju a 14 de julho o que, moralmente, é a ordem mais profunda; a unanimidade dos espiritos.

A 13 de julho Paris tratava apenas de defender-se.

A 14 correu ao ataque.

No dia 13 á noite ainda haviam hesitações, desde pela manhã, todavia, desapareceram. A noite foi toda plena de insegurança, de desordenado furor. A manhã foi luminosa e d'uma serenidade terrível.

Com o nascer do dia uma idea alvoreceu sobre Paris e a mesma luz foi por todos vista. Uma luz nos espiritos e em cada coração uma voz: «Vae, e tu apossar-te has da Bastilha!»

Isto era impossível, insensato, inverosimel de dizer... E acreditaram-n'o todos, entretanto. Acreditaram-n'o e isto fez-se.

A Bastilha, apesar de ser uma já velha fortaleza, não era, porem, menos inconquistavel; a não ser que se perdessem no ataque varios dias e se dispozesse de artilheria bastante. O povo, n'esta crise, não dispunha nem de tempo nem de meios de fazer um assedio regular. Comtudo, ainda que o podesse fazer, a Bastilha nada tinha que recear dispondo sobejamente de viveres para poder esperar um soccorro tão proximo, e tendo imensas munhões de guerra. Suas paredes de dez pés de espessura no cume das torres, de trinta ou quarenta pés na base, podiam rir, por imenso tempo, das balas; enquanto que as suas baterias cujo fogo caía a prumo sobre Paris teriam podido, enquanto se esperava, demolir completamente o Marais e todo o arrabalde de Santo Antonio, esses dois focos da insurreição. Suas torres cortadas d'estreitas e bem disfarçadas seteiras, de postigos eminentemente dispostos para a defeza com os seus duplos e triplos gradeamentos, permitiam á guarnição fazer com toda a segurança uma mortandade horrora nos assaltantes.

O ataque contra a Bastilha não foi, de nenhuma forma, uma couza racionada. Foi, inteiramente, um acto de fé.

Pessoa alguma o propôz. Mas toda a jente acreditou na possibilidade do feito, e todos contribuíram com a sua participação. Ao longo das ruas, dos caes, das pontes, dos boulevards, a multidão gritava para a multidão: «A' Bastilha! A' Bastilha!»

E na ecoação do toque a rebate que se ouvia, todos ouviam dizer: «A' bastilha!»

Pessoa alguma, repito-o, deu impulso ao acontecimento. Os ajitadores do Palais-Royal passaram esse tempo a organizar uma lista de proscricção, a julgarem á morte a

rainha, a senhora Polignac, Artois, o preboste Flesselles e outros nomes ainda. A nomenclatura dos triunfadores da Bastilha não se refere a um unico dos redatores de moções; o Palais-Royal, não foi o ponto de partida do povo e não é tambem ao Palais-Royal que os vencedores reconduzem os prisioneiros e os despojos da luta.

Ainda menos os eleitores, que estavam senhores da camara municipal, tiveram a idea do ataque.

Ao contrario, para o impedirem, para evitarem a carnificina que a Bastilha tão facilmente podia fazer, eles comprometeram-se até com o oferecimento, ao governador, de retirar os canhões garantindo por sua parte que o ataque se não daria. Os eleitores não eram traidores como mais tarde foram acuzados, o que eles não tiveram foi o arrebatamento da fé.

Quem é que a teve? Aquele que tambem possuiu a dedicacão, a força para realizar a sua empresa de fé. Quem? O povo—toda a jente!

Os velhos que tiveram a felicidade e a desventura de assistir a tudo quanto se fez no meio seculo unico em que parecem acumulados todos os seculos, declaram que tudo o que houve de grande, de nacional, sob a republica e o imperio teve entretanto um carater parcial, não-unanime; e que sómente o 14 de julho foi, absolutamente, o dia do povo inteiro.

Que permaneça portanto este grande dia, que ele fique seja uma das festas eternas do genero humano, não somente por ter sido o primeiro dia da libertação, mas por ter sido, tambem, o mais elevado na concordia!

Que é que se passou n'essa curta noite em que pessoa alguma dormiu, que, para que de manhã todo o dissentimento, toda a incerteza desaparecessem com a sombra e todos tivessem o mesmo pensar?

Sabe-se tudo o que se fez no Palais-Royal, na camara municipal, mas o que se passou no interior do povo isso é o que conviria saber.

Ahi, no entanto, adivinha-se facilmente pelo que seguiu, cada um fez no seu coração o julgamento final do passado: cada um antes de decidir a luta condenou-o sem remedio... A historia reapareceu n'essa noite, uma longa historia de sofrimentos, no instinto vingador do povo. A alma dos ascendentes que tantos seculos sofreram e silenciosamente morreram resurju nos filhos e então falou.

Homens fortes, homens pacientes, até ahi tão pacíficos, que devíeis vibrar n'esse dia o grande bote da Providencia, a visão de vossas familias, sem mais recurso do que vós mesmos, não amolentou vosso coração. Diversamente, contemplando, uma vez ainda, os vossos filhinhos adormecidos, esses filhos de que o dia ia provocar o destino, vosso pensamento dilatado abraçou as gerações livres que surjiriam do seu berço e sentiu, assim, n'esta jornada de guerra todo o combate do futuro!...

O passado, o futuro, deram ambos igual resposta; um e outro disseram: Vá!...

E aquilo que existia fóra do tempo, fóra do futuro e fóra do passado,

o imutavel direito, tambem, da mesma forma o dizia. O imortal sentimento do justo deu uma firmeza de aço ao coração perturbado do homem, disse-lhe: «Vae pacificamente, que importa? Suceda o que te suceder, morto, vitorioso, eu estarei sempre contigo!»

Que é que a Bastilha havia feito a este povo? os homens da plebe entraram lá raramente. Mas a justiça bradava-lhes e uma voz que mais fortemente ainda arrasta o coração, a voz da humanidade e da misericordia, voz doce que parece debil e que destróe as torres macissas, voz que já de ha dez anos fazia tremer a Bastilha.

E' preciso dizer-se toda a verdade se alguém teve a gloria pessoal de a derrubar foi, mais que ninguem, a mulher intrepida que tanto tempo trabalhou pela libertação de Latude, contra todos os poderes do mundo. A realza recusou-se mas a nação arrancou o indulto; esta mulher, este heroe, foi coroado n'uma solemidade publica. Coroar aquela que, por assim dizer, tinha forçado as insensibilizaveis prizões do estado era já castigar as, votal-as á execração publica, arrazal-as no coração e no desejo dos homens... Esta mulher, na verdade, tinha arrazado Bastilha.

Desde esse tempo, o povo da cidade e dos arrabaldes, que incessantemente n'este frequentado logar passava e repassava á sua sombra, nunca deixava de a maldizer.

Ela merecia bem este odio. Havia muito mais prizões mas esta era a do arbitrio caprichoso, do despotismo fantastico, da inquisição ecclesiastica e burocratica. A corte, tão pouco devota n'este seculo, tinha feito da Bastilha o domicilio dos espiritos livres, cadeia do pensamento.

Menos atulhada de vitimas com o rei Luiz XVI, ela tinha-se tornado mais dura (o passeio foi denegado aos prisioneiros) mais dura e nada menos injusta: cora-se, pela França, em ser-se obrigado a dizer que o crime d'um prisioneiro era ter dado um precioso segredo á nossa marinha!

Com o receio de que o desdizito o fosse dár a outro ponto.

O mundo inteiro conhecia e odiava a Bastilha. Bastilha—tirania; eram em todas as linguajens duas palavras sinonimas. Todas as nações, á noticia da sua derrocada, acreditaram-se como que livres.

Na Russia, esse imperio do misterio e do silencio, Bastilha destruoza entre a Europa e a Azia, mal a novidade se soube foi a propagação d'um relampago: homens de todas as nações, nas praças, chorando de felicidade, abraçando-se de comoção e fraternidade, diziam em altos brados: «Como não havemos nós de chorar de alegria? Está tomada a Bastilha!»

Michelet.

Collegio modêlo

Poucos problemas preocupam certamente, os paes como o da educação de seus filhos.

Arrancada a creança á acção mo-

ralisadora da familia n'uma idade em que maiores cuidados necessita o seu desenvolvimento phisico e simultaneamente a formação do seu character, não se póde, seguramente, lançar no torvelinho da vida livre por não ter ainda o discernimento e a resistencia moral para se desviar dos máus caminhos.

Vem pois a necessidade do collegio.

Mas para que os perigos diminuam com a entrada para o collegio é necessario proceder-se cuidadosamente á sua escolha, fugindo dos antigos internatos desmoralizadores e ignobes, como é necessario fugir aos que por excesso d'obsoletas praticas religiosas bestificam e definham.

A creança precisa de muito ar, muito sol e muita liberdade; e mais precisa que se lhe cultivem attentamente os seus bons sentimentos, corrigindo até lh'os extinguir os germens dos maus.

Infelizmente até hoje havia falha d'um collegio moderno, puramente portuguez e onde a exploração mercantil fosse o ultimo dos objectivos. Mas a falha preencheu-se.

O Collegio Nacional de Coimbra, sob a direcção do lente de theologia —o dr. Oliveira Guimarães—satisfaz seguramente aos mais exigentes.

Installado no ponto mais hygienico e elevado da formosissima Coimbra, na vasta e linda quinta da Cumeada, que delicioso e encantador panorama de lá se disfructa.

Quem não conhece o do Poetico Penedo da Saudade? Pois esse por um lado, a cidade por outro, e ainda as serranias do Bussaco e da Louzã, cercam e limitam o horizonte da quinta da Cumeada. Installado em pavilhões isolados, banhados de sol e ar, com 40 alumnos cada um e cada alumno com seu camarim, com banho diario e gymnastica obrigatórios, não escapou na organização do collegio o mais insignificante preceito d'uma rigorosa hygiene.

Egual cuidado revela a organização do plano d'estudos como a escolha do seu distinctissimo corpo docente constituido por diplomados entre os quaes 6 lentes da Universidade.

As refeições presididas pelos directores e senhoras da sua familia teem n'isto a melhor garantia de limpeza e abundancia.

Mas, verdadeiramente moderna e encantadora, é a installação dos trabalhos manuaes com as suas officinas, e dos trabalhos agricolas sob a direcção d'um agronomo professor da Escola Nacional d'Agricultura.

A obrigação imposta a todos os alumnos de se dedicar a trabalhos manuaes, habilita á descoberta de aptidões muitas vezes aproveitaveis e que sem elles ficariam desconhecidas.

Os trabalhos agricolas, n'um paiz verdadeiramente privilegiado sob esse ponto de vista, como o nosso, e onde ha tão arreigado amor pela terra é d'um altissimo valor e póde concorrer poderosamente para a regeneração economica pelo levantamento da agricultura proveniente da difusão dos modernos processos d'exercer essa industria.

O alumno tem o seu talhão que cultiva sob a direcção do agronomo e onde praticamente colhe conheci-

mentos botanicos, chimicos e economicos.

O collegio vende-lhe sementes, adubos, etc., e compra-lhe os generos com uma moeda que só tem curso no collegio; com essa moeda póde o alumno comprar na loja do collegio, brinquedos, balas para exercicio de tiro ao alvo, etc.

Mas para evitar que se desenvolvessem as tendencias egoistas dos alumnos que quizessem aferrolhar os seus ganhos, lá estão os esforços dos directores que os não perdem de vista. A escripturação em conta corrente do collegio com o alumno, é feita por os alumnos do curso commercial a cujo cargo está tambem a loja do collegio. Assim além do ensino theorico, sahem os alumnos d'este curso já com pratica.

As excursões d'estudo, com prelecções sobre botanica, zoologia, architectura, geologia, historia, etc., completam o systema cuidadoso, pratico e bem ponderado do ensino.

Emfim o Collegio Nacional de Coimbra, é um collegio moderno modêlo.

Para aquelles que acima de tudo põe a educação religiosa de seus filhos, teem na profissão do dr. Oliveira Guimarães, que é um padre, a sua melhor garantia; para os liberaes essa garantia existe no character, na intellectualidade e nos principios liberaes do dr. Oliveira Guimarães que são sobejamente conhecidos.

ECHOS DA SEMANA

Recenseamentos... monarquicos

No Porto foram excluidos do recenseamento por sentença judicial nada menos de dois mil eleitores republicanos. Como fundamento da exclusão o pretexto de os requerimentos não estarem nas condições da lei—boa marafona que se presta a todos os coitos. Assim se preparam vitorias eleitoraes, recorrendo, alem de todas as pressões sabidas, á falcatura e ao roubo de direitos civicos. Não nos espantemos, porem. Isto é manha velha, e a chirinola monarchica por mais voltas a que a sujeitem já não póde mudar de pizo. Palma votos no recenseamento com o descaro com que palma dinheiro nos cofres publicos—tudo, afinal, é exercer a sua perdileta arte de furtar.

No deserto

«A Lucta», já não sabemos por quantas vezes, para ser amavel com o liberalismo do snr. ministro da justiça lhe tem perguntado se tenciona sua ex.ª propôr ao parlamento a revogação do jezuitico artigo 130 do codigo penal. O snr. ministro da justiça, porem, moita, naturalmente para surprender o colega com a proposta da revogação do odioso artigo, e *muchas cosas mas*; que não se é liberal d'antes quebrar que torcer á moda do snr. Medeiros sem fundas e serias reformas laicas. Vae o mundo vêr o bom e o bonito com o liberalissimo ministro, para quem, honra seja a quem a merece, pedir reformas liberaes pequeninas, humil-

dezinhas é o mesmo que um clamar no deserto. Conte o reacionarismo que o sr. Medeiros o vá meter... onde o nuncio ordene.

O parlamento

Deve estar, por questão de dias, se Deus não disser o contrario, a abertura do parlamento. Anuncia-se que trabalhará como uma maquina... rotativa, e assegura-se que lhe apresentará o governo grandes trabalhos, altos estudos, preclaras propostas. E' o que anda de boca em boca, nos varios diz-se d'esta boa jente eternamente pacovia, ou eternamente trocista, quando não d'uma singular alegria:—Les Portugais sont toujours gais...

Ora para quê, com estes calores que sobem ao sangue como um mosto se vae abrir S. Bento?... Sem sermos nenhum profeta ahi fica já a resposta: O parlamento abre para se quebrarem algumas carteiras e, para em homenagem aos principios, El-rei presentear o governo com a desejadissima dissolução. O parlamento... lá comedia!

Vá lá, pois—de rizota.

Toureiro

Andam sem sorte os diestros que abundam por toda a Hespanha.

Em Pamplona foram colhidos os espadas Vasquez e Bombita II, como já ha dias o haviam sido outros Bombitas n'outros redondeis, pagando-se os corruptos do belo trato que levam.

Tambem, porque é que os tipos andam de colecta quando por ahi ha tanto que se fazer sem que falte em que um homem ativo produtivamente trabalhe? Picar touros e ás duas por três apanhar cornada, penduradas as tripas dos chavelhos não é de boi é de cavalgadas humanas.

A pinga

Para acudir á crise vinicola certas almas caridozas propõem o elixir de uma companhia monopolista que comprará e venderá os vinhos,

FOLHETIM

Camilo Castelo Branco

A Brasileira de Prazins

Recordo-me muito bem. . . O Cerveira, o meu amigo Cerveira... —Que foi prisioneiro na Chamusca, quando o Urbano se passou para os liberaes com a cavalaria e mais o coronel de dragões, o Albuquerque—lembrou o Nunes, o visconde Nunes—v. majestade lembra-se?

—Perfeitamente, Dom prior, queira escrever ao barão e dizer-lhe que esperô ansiosamente a carta do meu amigo Cerveira.

—Emquanto o abade ia ao seu quarto escrever, o hospede disse ao ouvido do outro:

—Isto corre mal.

—Porquê?

—Se o homem vem cá o meu grande amigo...

—Recebel-o como teu grande amigo.

—Se me fala em particularidades...

—Ele não sabe falar em particularidades. E' uma besta, muito rico, e disse-me o morgado do Tanque, de Braga, seu primo, que está sempre bebado. Nem ele cá vem, tu verás... Eu até acho que as coizas correm perfeitamente.—Tem dinheiro, ele tem muito dinheiro, ouviste?

—Entrou o abade.

—Só duas palavras. E leu: S. Majestade recebe com muito prazer a carta do sr. tenente coronel Cerveira Lobo.

—Muito bem,—aprovou el-rei—Hoje á noite com todos os resguardos, que urjem as cautelas.

—Um homem, o Caneta de Braga, com uma carta—anunciou Senhorinha—só a entrega em mão propria ao sr. abade.

permitindo-se pelo trabalho ser um estado no estado, e efectuar lucros ao ano de muito mais que mil contos. E' um bom processo que lembra a historia da fatia do compadre talhada em grosso quinhão para o bem-nascido afilhado, e, por elle os snrs. estão vendo que ganhando á grande meia duzia de magnates está deciziva e venturosamente resolvida a crise maxima da agricultura nacional. O.a os vicultores porque motivo não se unem em agregados sindicalistas melhorando os productos e barateando os granjeios? E depois porque é que não obteem a supressão dos impostos de consumo e real d'agua, e depois, ainda, por meio das suas cooperativas, auxiliados pelos governos, porque razão na colocação das bebidas não recorrem aos grandes meios hoje seguidos por toda a «oferta» do mundo no seu namôro á «procura»?...

Deixam-se estar fatalistamente á espera que qualquer fada lhes pague caro a zurrapa, e emquanto tal não succede vão vindimando como botucudos, fabricando como taberneiros, e na plantação, no trato, seguindo o criterio de levar as couzas ao deus-dará.

Crise vinicola, crise vinicola... não é uma blague, decerto. Mas é um mal que é remediavel. Ponto é querer ou melhor, sabêr querer.

Vento de insanía

E' o tal que sopra sobre nós outros, segundo Acacio, conselheiro e homem de pezo. Vento de insanía—que duvida.

Na cidade da Horta, sede do districto do Fayal, os habitantes, portuguezes-puros, a proposito da visita d'um vazo de guerra norte americana desatam a manifestarem-se como carneirada contra a sua patria e pela America.

Que manifestassem sentimentos separatistas para viverem livres e senhores seus, ninguem teria que censural-o aos Fayalenses, que se manifestem anti-patrioticamente requerendo a tutela e a suzerania dos Estados Unidos é tão escuro que até faz frio. Não ha que vêr—isto vae n'um sino.

—Que entrasse.

O rei e o visconde meteram-se á alcova simulando receios.

Era uma carta do abade de Priscos, bispo eleito de Coimbra. Tinha a honra de enviar a el-rei cem peçgas, donativo que as senhoras Botelhas, de Braga, ofereciam de joelhos a S. M. F., e diziam que todos os seus haveres estavam ás ordens de el-rei seu senhor.

E entregou dois grossos cartuchos cintados por fitas cruzadas de seda escarlata. E o Caneta muito pontual:

—Quería um recibinho, se lhe não custa, reverendo sr. abade.

—Venha d'ahi que eu passo-lhe o recibo.

Os dois saíram da alcova. Os rôlos estavam sobre a meza. Eles tinham ouvido falar em recibo. O visconde Nunes, esgaziando os olhos, foi apalpar o embrulho, e muito baixinho:

—Arame! peza que tem diabo! é oirol Começa a pingadeira! Vês?

O outro arregalou os olhos e deitou a lingua de fóra quando lhe foi possivel. Nem parecia um rei!

VII

A's sete da noite a soirée do monarca de Calvos compunha-se do visconde Nunes, seu secretario privado e brigadeiro de infantaria, do abade capelão mór de el-rei, de dois reitores conegos despachados, e o ex-sargento mór de Rio-caldo nomeado capitão-mór de Lanhozo. Estavam todos em pé rezistindo á licença de se sentarem.

A cadeira de sola estava com o principe encostada ao relógio; e, na meza central papeis, o tinteiro de chumbo, o Novo Principe, de Gama e Castro, a Besta Esfolada e o Punhal dos corcundas, do bispo Fr.

De oratorio

De quando em quando é a situação em que está a imprensa. Foi condenada «A Vanguarda» nas pessoas de Magalhães Lima, Boto Machado, D. Maria Veleda, ao pagamento de multas, etc. no valor de duzentos mil reis. Assim se suprimem vozes de revolta e de justiça, comodamente sob o legalismo d'uma lei de imprensa que é a maior afronta do mundo á liberdade. Mas não ha mal que não tenha termo. O sr. Medeiros, ministro da justiça, é um sincero e fervoroso liberal—é portanto um inimigo extremo da lei de imprensa facinora. Derogal-a-ha pois com o parlamento... o sr. ministro é liberal!!

Fóra do alvo

Tem-se por ahi escrito e dito as ultimas d'um fulano que dizem padre, e cuja função mais saliente é arrebanhar raparigas para a vidinha... dos coios. Ora, seria para desejar que se reservassem parte das iras não contra o instrumento mas contra a instituição que d'ele se serve. O desagrado alcaioite não é o mal, propaga-o, e tão cegamente que se não lembra de que escolheu um nojento officio.

Não se fiquem a alvejal-o que lhe dão uma grandeza que não morece, procurem—todos os que se manifestam contra o colera-morbus jezuitico—cooperar com o seu esforço na obra de defeza humana que é preciso opôr ao ultramontanismo. A Companhia de Jesus—já desde o titulo blasfema—merece que a sociedade a ponha fóra da lei, sob a vijilancia d'uma policia seria e intelligente; consiga-se isso, já se vê por conquista nossa, e será perfeita a inocuidade das raparigas devotas que aos rebanhos pr'a ahi se entregam ás encomendas nauseantes do arrematante de corôa. Bata se em cheio, se se não quer estragar a polvora.

Direito... por linhas tortas

Os marmanjos da reacção illudiam os lôrpas e commettiam uma malan-

Fortunato. Em cima das caixas do milho estava um meio alqueire com feijão branco destinado ás tripas, e dois foles vazios que a Senhorinha tencionava encher de grão para a fornada quando el-rei se recolhesse. Sobre um dos foles resbunava um gato enroscado.

Esperava-se o apresentante da carta de Vasco da Cerveira.

A's oito horas anunciaram-se os adventicios. O barão de Bouro entrou primeiro a passo mezurado, com o peito alto, e o pescoço hirto n'uma gravata enchumada, preta, de cordãozinho de arame, sem laço, atacando os lobulos das orelhas, um pouco reintrante na altura dos gorgomilos. Usava olhos d'oiro quadrados e uma pera grisalha; de resto, rapado. Envergava cazaca nova de lemiste, muito refestelada, de abas compridas com ancas proeminentes, segundo a moda; do côs das calças, côr de jema d'ovo, pendiam berloques com armas, uma medalha com o retrato de D. Miguel aos vinte e dous anos, e uma peça d'oiro com a mesma real effije.

No peito da camiza, entre as lapelas do colete de veludo côr de laranja, trazia pregado um punhal esmaltado, em miniatura, enigma convencional dos cavaleiros de S. Miguel da Ala, obra patriótica do ourives Novaes, pae do poeta Faustino.

De pós ele, entrou o Zeferino das Lamelas, muito enfiado, n'um spasmo, sentindo-se aluir pelos joelhos. Ia de niza de pano azul com botões amarelos, calça branca espipada com joalheiras pelos atritos do albardão.

As pernas das calças chegavam apenas a meio cano das botas, que pelo tamanho dos pés dir-se-hiam roubadas a um gigante.

O Bezerra dobrou o joelho, inclinando o tronco á mão esquiva de

drice afirmando nos logares sagrados que os tremores de terra eram castigos de Deus aos erros dos homens.

Só lôrpas os acreditavam, sem vêr que punham a assignatura do Omnisciente Bondoso, n'uma sentença que envergonharia o mais sarrafaçal juiz de paz d'aldeia serrana. Pois quê? Elle para castigar os maus, abatia egrejas, os seus templos e pr'ó não chega ao desmoral-as matava creanças?

Pois não podia Elle applicar o castigo só aos que erram?

Não, dizem-no os infalliveis. Amen, dizemos nós.

Mas... estes mas são sempre o diabo,—na filial do ceu em Lisboa, a redacção do «Portugal», um malandrete que em vez de ter cadastro na policia, tinha só a farda d'ella, e que matara um homem innocente como quem mata um cão damnado, foi victima d'um desastre, aliás lamentavel.

Tendo ido levar informações e receber as ordens em cuja execução era um preclaro selvagem, recebeu uma bala no ventre que involuntariamente lhe metteu um amigo, talvez com o mesmo revolver com que voluntariamente matara um innocente.

Pois se Deus intervem n'isto, hade confessar o maior atheu que a sentença não pecca por falta de justiça e que confirma as palayras de Christo: «quem com ferro mata, com ferro morre!»

Não será assim, oh masmarros?

Uma excursão

Como meio de propaganda as merendas e excursões são do melhor e mais perduravel na obra de republicanização do paiz. Domingo, os nossos correligionarios de Coimbra realizaram brilhantemente a sua excursão a Miranda do Corvo e á Louzã, e distribuíram todo o trajeço «Cartilhas do Povo». Bela festa, assim, levando a travéz de montes e vales, com a alegria de quem passeia, o sulco vivo da Idea.

sua majestade. Por detraz d'ele, o Zeferino ajoelhára batendo com ambas as rotulas no taboado. O barão ia falar, quando o rei, reparando no outro, disse:

—Levante-se homem. Isto aqui não é capela.

O pedreiro teimava, achava-se bem n'aquella postura que o dispensava de procurar outra.

—Sua majestade mandou-o levantar—disse o visconde Nunes.

Ergueu-se, e n'um impeto silenciozo ia entregar a carta ao da cadeira, quando o capelão mór lhe observou que as cartas se entregavam ao secretario.

O Barão expoz que não podéra rezistir aos pedidos que aquele honrado lejitimista lhe fizera para o acompanhar, porque não se atrevia a entrar sózinho á presença de el-rei, seu amo. Que era filho d'um bravo alferes, o Gaspar das Lamelas, que em 1838 á frente de trezentos homens, atacára a villa de Santo Tirso dando vivas a el-rei. Contou a façanha de atravessar o Ave a nado em janeiro, com a espada nos dentes, e que por cauza d'isso intrévecera e nunca mais se levantou.

—Oh! interjeicionou compunidamente o monarca.—Eu ignorava esse notavel ataque... estava em Roma, sem noticias... Digno homem o meu honrado, o bravo... como se chama seu pa?

—Saberá vossa majestade que se chama Gaspar Ferreira.

E o rei:

—Visconde escreva na lista.

O Nunes sentou-se á meza pedindo venia a sua majestade que ditou:

—Gaspar Ferreira, reformado em coronel de infantaria, com vencimento desde 1838. Escreva á margem: Batalha de Santo Tirso. E

14 de julho

Hontem foi a data glorioza que marca na humanidade o grande e sagrado dia da tomada da Bastilha. Eram homens—em toda a nobre grandeza que comporta o termo—os cidadãos que assaltando a lobreza prisão, davam ao mundo a Era da Liberdade; creavam a democracia. Como o fizeram dil-o Michelet, na proza varonil e divina que, hoje, comemorando, ilustra o nosso semanario.

ARA

DIALOGO

A cruz dizia á terra onde assentava, ao vale obscuro, ao monte aspero e mudo: —Que és tu, abismo e jaula, aonde tudo vive na dôr e em luta cega e brava?

Sempre em trabalho, condenada escrava, que fazes tu de grande e bom, contudo? Resignada és só lodo informe e rudo; revoltosa és só fogo e horrida lava...

Mas a mim não ha alta e livre serra que me possa equalar!... amor, firmeza sou eu só: sou a paz, tu és a guerra!

Sou o espirito, a luz!... tu és a tristeza, ó lodo escuro e vil!—Porem a terra respondeu: Cruz, eu sou a Natureza!

Antero de Quental.

Pela Misericórdia

A inscrição de «irmãos» beneficentes da instituição da misericórdia será bem aceite por todos os nossos patricios, esperamol-o, não sómente pelo interesse, pelo amor e carinho que todos devemos consagrar á mais bela e mais util das creações caridozas, mas, tambem, porque o preço da anuidade é modico, assaz, para se tornar acessivel á maioria da população ovaense. Com seis tostões que é quanto custa a subvenção, anualmente, pode-se assegurar, sem receio, que centenas de

volvando se para Zeferino que la-deava para a parede:

—Diga a seu bravo pae que lhe dei a reforma em coronel e vencerá soldo dos sete anos passados.

O Zeferino abriu a boca para dizer o quer que fosse.

—A carta do meu velho amigo Teixeira?—perguntou o rei ao visconde Nunes.

—Cerveira, perdoe vossa majestade, Cerveira Lobo.

—Ah! sim... Cerveira Lobo. Abriu, leu para si, passou a carta ao secretario, e comentando exultante:

—Um grande amigo! dos raros! um dos nossos melhores esteios! Com homens assim dedicados o triunfo é certo. Posso dizer com o grande vate Camões:

E dir-me-heis qual é mais excelente se sêr do mundo rei, se de tal jente.

Um dos reitores que estavam na penumbra, lá em baixo ao pé das caixas, olhou com espanto para o outro, que lhe disse á puridade, discretamente:

—Diz que ele tem estudado o diabo... até o latim!

El-rei proseguiu:

—Vou responder por meu proprio pouho ao meu nobre amigo. E' digno d'esta e de maiores considerações. Visconde escreva na lista: Vasco da Cerveira Lobo, jeneral de cavalaria e conde de Quadros.

Depois, tirou de uma velha pasta de papelão uma folha de almasso, sentou-se a escrever—e que conversassem.

O abade, capelão mór, aproveitou o ensejo para servir vinho do Douro e pasteis de Guimarães, cavacas do convento dos Remedios e forminhas.

familias da nossa terra com tal esmola em nada verão agravado o orçamento caseiro. Sendo a primeira condição de exito, para fundações de carater coletivo, a facilidade de acesso que a todos dá possibilidade de as sustentar, a Mizericordia d'Ovar, pelo auxilio que pede, não está divorciada das condições do meio em que tem de florescer: a anuidade com que os ovaenses lhe devem insuflar vida desafogada está bem ao alcance de quase todos. Também, impetentemente nos convencemos de que revestirá uma grande e demonstrativa comprovação do interesse local pela Mizericordia a filiação de «irmãos» caridosos; não erraremos prevendo que o exito da inscrição será completo, honrozíssimo. Ha no nosso povo predicações de affectividade e qualidades de solidiedade humana bem eloquentes, bem jenerozas para que não succedesse assim, a Mizericordia é hoje, na nossa terra, a primeira necessidade, a melhor esmola, o mais perfeito altruismo; e isso bem compreendido pelos nossos concidadãos fal-os-ha devotarem-se, admiravelmente, veementemente, á realização da obra comum mais meritoria e benéfica. Evidentemente o que se torna preciso é insistencia e continuidade de esforço, visto que o que ha a fazer, pela sua importancia, não se reduz a um mero aplauzo accidental e a um simples auxilio fortuito. Trabalho, pois, dedicação, sacrificio, de nós todos, pequenos e grandes (e empregamos o distinctivo simplesmente como formula corrente e consagrada da linguagem) é o que ha a pedir — mais: é o que ha a exigir. Nós que somos dissidentes de todos os créditos estabelecidos já entrámos para o redil filiandonos entre os «irmãos»; porque, para nós, o que vale não são os termos sem significado penozo mas sim e absolutamente o carater, as consequencias da filiação. Já deploravel será que o movimento de entrada na Mizericordia não seja um vasto e limpido fluxo espontaneo, quanto mais supôr-se que dificuldades atravancarão os homens de boa vontade que se consagram ao exito, ao futuro da instituição. De todos nós é preciso o auxilio: — sejamos, n'isto, todos irmãos.

CRONICA DO THEATRO

As illustres promotoras do festival em beneficio da Mizericordia — seja-nos desculpado o plebeismo — entraram com o pé direito. Nunca a pobrezita da nossa casa de espetaculos teve uma noite assim agradável, tam fina, e embora a casa nos não parecesse nos dias magnos de enchente, nunca, também, ali vimos tantos rostos bonitos, tentadores como um sonho do ceu, tão soberbamente perfeitos. As mesmas luzes espervitaram, ganharam um tom de claridade a que o pobre buraco não está afeito, e só lá faltariam as flores, ah! as flores! se ao nosso lado não estivessem, todas, nas lindas mulheres ridentes... Começou o espectáculo — e devemos advertir que não temos culpa do titulo ao alto: não somos cronista passando as cousas á feira subtil da critica; somos, simplesmente, pessimamente, á falta de jente o *inteligente* da casa; u! sem mais rodeios, o narrador — começou o espectáculo por um terceto de solida e custoza musica, cousa pronunciadamente jermanica, como quem diga, o classico do clacissismo na musica. Pois interpretada com uma nobre justeza, com um sentimento preciso e firme, deixou-nos predispostos — esplendidamente — para o que se lhe seguia, uma comedia, uma teze: «O Eterno Problema».

Prosa e arquitetura a que não ha que dizer, a peça é original do nosso festejado amigo snr. Dias Simões.

Das serigaitas, decid'issimas, que armam em *meetingistas* de sociocracia, em politiquerias de sala, esfaudando-se no puxar do lustre do frazeado atinente á altura e rigor do caso; duas verdadeiras e bem importadas *misses* erguendo o pendão endiabrado d'um feminismo... *quand mème*, muros a dentro d'um lar sereno de antiqua'has provincianas. Um pae palurdio arrebatado na tromba da rebeldia das saias, um padre cura que a nada, nada dá cura, prensado com latinidades e ezorcismos na dialetica pronta e inciziva das Luizias Michel da peça...

A mocidade, a mulher, triumpham no todo do enredo simples, que é uma bela *plaque* com toques de boa e castiga graça, e só perdoamos ao Dias o máo quarto d'hora que dá aos homens considerando que, no fim de contas, nos faz sofrer a derrota com a consolção da nossa falencia vir n'um trabalho bem feito.

A terceira parte do sarau, na musica, por Carlos Mendes, deu-nos uns minutos de verdadeiro regalo; e, na recitação da encantadora menina Gumerinda Gaiço, foi d'uma gracilidade adoravel, tam perfeita, tam linda, e d'um donaire tam vivo!...

«O Mosquito» declamação de José Lamy, um petizito com dedo, foi muito bem, e o «Iorgnon» cançonetado por M.^{lle} Abreu agradou, porque, realmente, a graciosa menina disse-o bem, muito jentilmente, com um belo *humour* afeito: e bem, também, os versos que recitou o snr. Abreu.

Quarta parte do espectáculo, ou *laus Deo*, da missa, queremos dizer, do sarau, foi a tuna de amadores, que se não são profissionaes nol-o pareceram pelo *brio*, segurança e harmonico da execução. Ha aqui o Ovar, pae dos deuses, e para a jente umas noites aldeãs d'um aborrecimento supremo na linguareirice, no *solo*... quando, precizamente estes «amadores» nos poderiam elevar pela musica e o sentimento, fazendo-nós, pelo Som, o afinamento dos nervos!...

Ha aqui em Ovar, e para ser inteira a nossa surpresa até nos apanha desprevenido um compozitór nosso conterraneo Manoel Matos, que tem na mazaruka que ouvimos uma tentativa feliz.

Surpresa, agrado, encanto — *voilà*. Não vieram abaixo os autores, porque entendamos que os Ranke os Taine, se se metessem como osco era trambulhão de tal casta que lá se lhes ia a reputação. Assim, com a prata da casa, é máo e é pouco; mas não nos deixa a entalação de atribuirmos a outrem as razões da vossa impericia. E temos dito.

Minusculus.

CHRONICA AGRICOLA

XLIV

A CAL

A cal tem bem variados fins. Serve á alimentação das plantas, é necessaria á nitrificação dos adubos e materias organicas existentes no solo, é indispensavel para a formação das substancias assimilaveis para a formação do humus e portanto para dar ao solo o poder de fixação necessario e ainda serve de correctivo em alguns terrenos que d'elle necessitam.

Como adubo directo, basta uma quantidade quasi insignificante para satisfazer as exigencias das plantas que n'ella não tñham a sua dominante cultural; basta que tenha n'gramma por cada 1000 grammas de terra.

Para se conhecer da necessidade que um terreno tem d'ella, seguem-se os processos indicados para os outros adubos; a analyse chimica é, todavia, neste adubo mais concludente do que em qualquer outro, sendo sempre d'atender ao exame das plantas e sobretudo aos resultados experimentaes.

O seu papel como correctivo do terreno é importantissimo e variado.

Nas terras excessivamente compactas, as suas particulas finissimas vão concorrer para a desagregação do terreno, tornando-o assim mais arejavel, emquanto a mobilização das materias organicas n'elle contidas vão tambem auxiliando essa desagregação.

Por outro lado nas terras soltas, a cal inco-

lubilisa a argilla que ellas contém e que reúne as particulas terrosas sem o que se desmoronavam formando com a agua das chuvas uma pasta impermeavel e absolutamente impropria para a vida vegetativa.

A agua das chuvas, atravessando o terreno vae-se carregando dos saes calcareos e insolubilizando a argilla que está nas diferentes camadas de terra; quando a chuva é torrencial e não tem tempo de absorver os saes calcareos forma-se uma especie de crosta impermeavel e a agua corre por cima do terreno sem o penetrar.

Tambem é indispensavel para tornar assimilaveis varios adubos; assim para a potassa já vimos quanto o calcareo influe na forma do carbonato de potassa — sua forma assimilavel; para o acido phosphorico, tambem já vimos a sua influencia, como reconhecemos a sua necessidade para a formação do carbonato d'ammoniacado dos adubos azotados.

No estreme de curral os seus efeitos são bem conhecidos; prepara-o rapidamente para ser aproveitado por as plantas activando a sua nitrificação. A cal *cosinha* os alimentos que no terreno ainda estão *crús*. D'ahi os resultados surprehendedes que os lavradores tem colhido com a *calagem* o que os faz abusar d'ella supondo que a cal é um bom estreme. Ora se nas terras ricas a cal vae augmentar as colheitas não é porque *vá estrumar*, mas sim porque vae fazer *aproveitar* o estreme que lá está e que sem ella ficava desaproveitado, *crú*. Mas, como consequencia, a terra fica mais pobre, visto que esgotou as suas reservas, sobretudo quando a calagem tenha sido muito energica. E' isto que deu origem aos ditados verdadeiros:

«Quem não deita cal sem estrumar
Arruina-se sem pensar»

e aquell'outro:

«A cal enriquece os paes e empobrece os filhos» o que significa que dá boa colheita na occasião, mas fica a terra cansada para as futuras.

Por isso é preceito de boa cultura, fazer uma boa adubação organica no anno immediato ao da calagem.

Transformando a materia organica existente no terreno, dá logar á formação do humus cuja influencia mais d'uma vez tenho feito sobre-sahir.

Resta ver a forma d'aplicar a cal e sua quantidade para evitar os exageros e prejuizos.

Ha quem tenha seguido o processo de fazer as calagens com intervallo de 6, 8, 15 e até 20 annos, applicando então doses elevadissimas o que me não parece bem porque deve esgotar completamente o terreno nos primeiros annos sentindo-se pouco a sua acção nos ultimos.

Prefiro e uso as calagens meno: intensas e mais repetidas de 2 ou de 3 em 3 annos.

Motta Prêgo aconselha o emprego de 500 a 600 kilos por hectare e effectivamente deve ser essa a quantidade a empregar salvo quando as terras não tenham sido caladas ha muitos annos pois que então pôde-se elevar aquella dose a 1000 ou 1200 kilos por hectare.

Emfim, na maior parte dos casos, um metro de cal (que tem de 800 a 900 kilos) serve para doze alqueires e meio de sementeira que é um hectare.

***

Partido Republicano

Comissão Distrital

Para esta entidade partidaria foram votados por maioria no concelho d'Ovar os seguintes cidadãos nossos distinctos correligionarios:

Efetivos:

- Albano Coutinho (Anadia)
- Aberto Augusto da Silva Tavares (Feira)
- Francisco Antonio de Moura (Aveiro)
- Antonio Joaquim de Freitas (Oliveira de Azemeis)
- Eugenio Ribeiro (Agueda)

Substitutos:

- Manoel Larangeira (Espinho)
- Arnaldo Ribeiro (Aveiro)
- Celestino Soares d'Almeida (Ovar)
- Antonio Pinto Breda (Agueda)
- Eduardo de Moura (Eixo)

*

Comissão paroquial republicana da freguezia de Ovar.

Convido todos os electores republicanos d'esta freguezia de Ovar a comparecerem domingo 18 do corrente, pelas 3 horas da tarde, no centro partidario, a fim de tomarem parte na eleição da comissão parochial.

Pela comissão municipal

Antonio Valente d'Almeida.

NOTICIARIO

Dia a Dia

Passam seus anniversarios natalicios:

Amanhã a menina Irene, encantadora filhinha do nosso preado amigo dr. Pedro Chaves.

No dia 17, o snr. José de Castro Sequeira Vidal.

No dia 20, o snr. João Ferreira Coelho.

E no dia 21, o snr. José Placido d'Oliveira Ramos.

Felicitemol-os.

De regresso do Pará, já se encontra entre nós o snr. Antonio Maria Gonçalves Santiago.

Regressou tambem do Rio de Janeiro, onde ha muito se encontrava, o nosso conterraneo snr. José d'Oliveira Ala.

Partiu segunda-feira com sua esposa para as Caldas de Moledo, a fim de fazer uso d'estas aguas. o snr. João Ferreira Coelho, escrivão de direito d'esta comarca, encontra-se n'esta villa a snr.^a D. Maria Benedicta Vaz e Silva, mãe do nosso amigo João Evangelista Nunes da Silva.

Para a estancia thermal de S. Pedro do Sul seguiu na semana passada o snr. Amadeu Soares Lopes, escrivão de direito d'esta comarca.

Tambem se ausentou para as thermas de Vidago, em goso de licença, o snr. dr. Ignacio Alberto José Monteiro, juiz da comarca.

Regressou de Vizella o snr. Manoel Gomes Dias.

Partiram terça-feira para Lisboa, a fim de seguirem para a cidade do Pará, os nossos patricios Antonio Mendes de Vasconcellos e Augusto da Fonseca Soares.

Tambem na passada semana partiu para aquella cidade brasileira o snr. José Maria Antunes da Silva.

Depois d'uma longa estada de 18 annos na Africa Occidental, chegou ante-hontem a esta villa o nosso conterraneo snr. Joaquim d'Oliveira Gomes.

Encontra-se n'esta villa o snr. dr. Arnaldo Fragateiro de Pinho Branco, juiz de direito na Ilha das Flores.

Actos

Na Universidade de Coimbra fez no dia 10 acto da 5.^a cadeira (direito civil) ficando plenamente aprovado o nosso distincto amigo Anthero Araujo d'Oliveira Cardoso.

Tambem alli fez acto, na semana passada, da 19.^a cadeira (direito internacional) obtendo tambem approvação, o nosso conterraneo Antonio Baptista Zagallos dos Santos.

Na Academia Polytechnica do Porto fez no dia 8 acto da 7.^a cadeira (chimica mineral), ficando aprovado, o nosso amigo João Evangelista Nunes da Silva.

Com a approvação que obteve no acto do 3.^o anno, no seminario do Porto, concluiu o curso theologico o snr. Homero Rodrigues da Silva.

A todos os nossos parabens.

Promoção

Foi promovido a juiz de direito e collocado na comarca da Ilha das Flores o nosso conterraneo snr. dr. Arnaldo Fragateiro de Pinho Branco, que ultimamente exercia o cargo de Delegado do Procurador Regio na comarca da Fronteira.

Os nossos cordeaes parabens.

Muedas de 200 reis

Foi prorogado até ao dia 30 de novembro proximo o praso para a troca das antigas moedas de prata de 200 reis.

Festas e diversões

Foi muito concorrida a cerimonia da primeira comunhão, domingo passado, effectuada conjuntamente com a festa do Coração de Jesus Novo, que, como do costume, ostentou o luxo correspondente á riqueza da associação do apostolado da oração.

Os sermões foram como era d'esperar, uma catechese descabelada em proveito da grei de Ignacio de Loyola. A respeito de declarar qual é o verdadeiro Coração de Jesus, se o Velho se o Novo, nem uma palavra.

Continuamos na duvida. E até quando?

No proximo domingo á noite ha na rua da Fonte uma bella diversão, havendo, alem de mastro de pinhas e illuminação, musica até á uma hora da madrugada, pela banda dos Bombeiros Voluntarios.

ANNUNCIOS

Agradecimento

Os abaixo assignados agradecem muito reconhecidos a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os, quer pessoalmente, quer por meio de cartões, por occasião do fallecimento de seu pae e sogro Francisco Rodrigues Chalão, bem como tambem agradecem penhoradissimos á Banda dos Bombeiros Voluntarios d'esta villa, por expontaneamente ter assistido e executado os responsos por alma do mesmo fallecido, protestando a todos a sua eterna gratidão.

Ovar, 10 de julho de 1909.
Rosa Gomes Malaquias
Manoel Rodrigues Chalão
Rosa d'Oliveira Soares
Carlos Ferreira Malaquias.

DECLARAÇÃO

Para todos os effectos, o abaixo assignado de hoje por deante deixa de fazer parte da Commissão da Banda dos Bombeiros Voluntarios d'esta villa.

Ovar, 13 de julho de 1909.
Augusto da Cunha Farraia.

AGRADECIMENTO

A comissão de senhoras promotora do sarau de 11 do corrente, vem por esta forma agradecer a todas as pessoas que a auxiliaram directa ou indirectamente na realização d'essa festa e especialmente aos ex.^{mos} snrs. Antonio Augusto d'Abreu, Antonio Gaioso, João Coelho e ex.^{mas} familias, aos ex.^{mos} snrs. Carlos Mendes, d'Aveiro, Dias Simões, Carmindo Lamy e filho, Joaquim Pinheiro, Luiz Lima, Alves Cerqueira e demais membros da tuna a sua valiosissima collaboração.

Bem assim agradecem á ex.^{ma} Direcção dos Bombeiros Voluntarios a cedencia gratuita do theatro e aos ex.^{mos} snrs. Ferreira da Silva, Dr. João Lopes e aos que obsequiosamente se encarregaram da fiscalização de bilhetes, os relevantes serviços prestados.

Ovar, 13 de julho de 1909.

A presidente,
Julia Chaves.

Imprensa Civilisação

Viuva Lemos & Gonçalves ***
*** R. Passos Manoel, 211 a 219
***** PORTO *****
Trabalhos typographicos **
***** em todos os generos
por preços modicos. *****

TANOARIA

E

ARMAZENS DE VINHOS

PARA

Consumo e exportação

DE

Carrelhas & Filho, Suc.^{or}

Grande deposito dos seus conhecidos vinhos--CELESTE (clarete), VIRGEM BAIRRADA (encorpado), VERDE DE CAMBRA e SUPERIOR BRANCO.

Alcool; aguardentes de vinho, figo e bagaceira; geropigas finas e baixas.

FINOS VINAGRES TINTO E BRANCO

Na sua "Zanoaria,, faz, toneis, pipas, quartolas, barris de quinto, decimo, vigesimo e tudo o mais concernente á mesma, garantindo a solidez e perfeição dos seus trabalhos.

RUA DAS FIGUEIRAS

== OVAR ==